

A literatura entre a fumaça e a névoa

JOÃO LUIS PEREIRA OURIQUE*

Entre el humo y la niebla – Guerra y cultura en America Latina foi publicado em 2016 pelo Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana da Universidade de Pittsburg integrando a Série *Nueva America*. O livro, organizado por Felipe Martínez-Pinzón e Javier Uriarte, propõe uma leitura da relação entre a produção literária e os diversos cenários de guerra presentes na história da América Latina. O conjunto dos textos publicados evidencia a intrínseca relação da literatura com os conflitos bélicos, relação que ora dá “cores vivas” para as ideologias que se sustentam na lógica presente e permanente do ideal belicista, ora se situa como possibilidade crítica dessas visões deturpadas acerca da formação cultural de uma nação. Considerando a importância dessa temática sem, no entanto, sucumbir a uma espécie de valorização dos conflitos e do herói guerreiro, somos convidados a entender vários aspectos acerca dessas relações no contexto histórico e cultural latinoamericano presentes nas análises e nas reflexões críticas dos diversos pesquisadores que se somam a essa relevante produção.

As comparações, as metáforas e as referências propostas por uma visão que enaltece a guerra e torna duradouro o seu imaginário de forma positiva sustentam os termos utilizados na composição do título do livro e nos antecipam uma compreensão prévia do viés crítico adotado pelos autores dos trabalhos que integram o livro: a fumaça – atrelada mais facilmente aos teatros de operações bélicos – é vista como parte da própria natureza pela narrativa mais conservadora, como se fosse a neblina do devir humano, inevitável e até mesmo necessário. E é entre essas duas imagens que se situa uma postura interpretativa necessária reiterada nas 346 páginas divididas em quinze capítulos (treze em espanhol e dois em português) que compõem o livro e que evidenciam o devido fracasso de uma visão calcada na manutenção desses artifícios retóricos, tão impactantes para a cultura quantos os artifícios bélicos nos campos de batalha.

Essa retórica - discutida e problematizada desde o capítulo inicial que dá título à obra e é assinado pelos organizadores, possuindo também a função de introduzir e sistematizar o restante dos textos – apresenta a guerra como um discurso no qual são construídas as

* Professor Adjunto do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas – CLC – UFPel – 96015-140 – Pelotas – Brasil. Líder do Grupo de Pesquisa CNPq ÍCARO – Interdisciplinaridade, Crítica ao Autoritarismo, Regionalidade e Oralidade (Ícaro.ufpel.edu.br). E-mail: jlourique@yahoo.com.br

próprias histórias sociais e as identidades culturais dos povos. Nesse sentido, os autores destacam como é elaborado esse discurso sobre a guerra, visto que nunca surge *ex nihilo* em razão de que se recicla e se apropria de narrativas centrais da nação, do Estado, da religião ou de uma determinada região. A tensão que estrutura a linguagem que narra a guerra se situa nos limites, nos extremos dos argumentos possíveis legitimadores de uma violência que, na ausência de argumentos tensionados, não se sustentaria. Essa tensão que humaniza a guerra opera na direção contrária ao processo de humanização, sendo esse o principal objeto de discussão apresentado pelos autores: o da necessidade de pensar sob outros paradigmas, compreendendo o discurso em prol da guerra sem sucumbir a ele.

Nessa linha de raciocínio, uma das questões mais pertinentes no cenário histórico latinoamericano é o trauma – aquilo que sobrevive (como o discurso do sobrevivente, seu testemunho em meio à perda) durante e após o conflito, pois o início da guerra não permite espaço para a dúvida... se o permitisse, a própria guerra não ocorreria. Assim, esse trauma irrefletido - ou seja, a ausência de uma consciência sobre o próprio trauma – foi abordado por Idelber Avelar em *Alegorias da derrota* (2003)¹ com o intuito de refletir sobre a necessária aceitação da perda, de que nada de positivo resultou da opressão. Essa vertente interpretativa é algo presente em *Entre el humo y la niebla* e que se soma fundamentalmente a um processo de revisão crítica tão necessário quanto urgente para uma reflexão consistente sobre a literatura e a história na América Latina.

Como percurso de escrita, Martínez-Pinzón e Uriarte apresentam um panorama conceitual sobre a guerra com o intuito de ampliar a reflexão em suas contradições, salientando elementos que colocam em xeque uma condição única de leitura da história, especialmente aquelas que não levam em consideração as especificidades dos diversos contextos da América Latina, tal como foi alertado por Hugo Achugar de que o “sujeito social pensa, ou produz conhecimento, a partir de sua 'história local', ou seja, a partir do modo que 'lê' ou 'vive' a 'história local', em virtude de suas obsessões e do horizonte ideológico em que está situado.” (2006. p. 29). Preocupam-se, além disso, em destacar alguns consensos sobre a guerra que a entendem como sinônimo de revolução, renovação, transgressão, purificação, entre outros adjetivos, vinculados ao binarismo entre o *herói* desejado e o incômodo *covarde* que foge do inevitável combate. Essa pluralidade de significados, em sua maioria positivos, cercam o conceito de guerra e, segundo os autores, deixa lacunar uma postura crítica necessária para uma leitura consistente, especialmente quando se reconhece a sua onipresença como uma espécie de aprendizado do tempo e como referência à realidade presente, assim como ocorre no cenário geopolítico de enfrentamento com grupos terroristas e com o fundamentalismo religioso.

Atuando nessas *lacunas críticas* os pesquisadores traçam um percurso que resgata eventos históricos latino-americanos para exemplificarem e proporem essa discussão/relação da história com a literatura. A *Grande Guerra do Prata* (1839-1859), por exemplo, é

¹ Idelber Avelar situa sua perspectiva de leitura a partir da alegoria benjaminiana que integra a imagem da ruína, da aceitação de que uma interpretação mais consistente do contexto latinoamericano somente poderá ocorrer a partir dos fragmentos destroçados da história e da cultura.

uma importante menção ao conflito que ficou em segundo plano por causa da dimensão que alcançou a *Guerra do Paraguai*, mas que ainda hoje se apresenta como questão a ser abordada para entender vários desdobramentos do próprio conflito da *Tríplice Aliança* contra o Paraguai (1865-1870). A partir de vários exemplos, resulta uma discussão importante que rompe com um clichê de que na América Latina – especialmente no Brasil – não ocorreram guerras “importantes”, no máximo situações de conflito menores calcadas em guerras civis e sem maiores consequências se comparadas com as guerras na Europa. É importante a percepção de que o que ocorreu na América Latina foi a transformação do próprio conceito de guerra, ou seja, o seu caráter camaleônico esteve presente para que a guerra pudesse simplesmente permanecer no cotidiano, sem que a sua face fosse vislumbrada claramente – vivendo em meio à guerra e temendo a sua ameaça. E talvez seja o desmascaramento dessa idiossincrasia a maior contribuição que o livro oferece aos seus leitores.

Entre el humo y la niebla, no entanto, apresenta leituras cruzadas que propõem traçar um *mapa bélico* latino-americano para além dessa fundamental problematização, considerando que a própria construção identitária da América Latina foi elaborada a partir de uma visão positiva da guerra e que há reflexos e projeções que interferiram e interferem nas discussões políticoideológicas até o século XXI. O ponto de partida que vai desvelando esse *teatro de operações*² começa com o capítulo assinado por Kari Soriano Salkjelsvik. “Geografía militar y humana: la Guerra de Castas en *Cecilio-Chi*, de José Severo del Castillo” evidencia a premissa de que nada revela melhor a fragilidade do território nacional do que a guerra. O estudo do romance histórico traça os mapas simbólicos da cultura mexicana na relação entre as geografias militar e humana, apresentando o que seria uma reflexão sobre o imaginário unificado da nação. A *Guerra de Castas* (1847-1901) foi um conflito longo e de extrema violência entre *mayas* e *blancos* e serviu de referência para o romance *Cecilio-Chi*, cujo enredo melodramático aponta a questão amorosa como raiz do conflito. A leitura da *Novela histórica yucateca* por Salkjelsvik apresenta possibilidades de discutirmos aspectos ainda não resolvidos, especialmente a partir de um foco narrativo que vê o território como unidade estável, natural e inquestionável, seja nos relatos de amor, seja nos relativos à guerra.

“‘Cámara bélica’: escritura e imágenes fotográficas en las crónicas del Coronel Palleja durante la guerra contra el Paraguay”, de autoria de Sebastián J. Díaz-Duhalde, destaca a visão da consequência da guerra. O maior conflito bélico latino-americano também é um dos mais registrados do século XIX. Talvez por isso é que tenhamos tanto o que discutir sobre ele ainda hoje, especialmente por causa de posturas político-ideológicas (reversionismos que evidenciam questões pontuais que resgatam o período e não necessariamente a busca por refleti-lo em seu próprio contexto) que afetam uma leitura mais consistente que Díaz-Duhalde destaca a partir das ruínas, dos destroços das batalhas e dos cadáveres. A fotografia possibilitou esse registro das consequências da guerra em sua dimensão mais abjeta de uma

² Os jargões militares empregados e grifados ao longo da resenha possuem uma função crítica de mostrar o quanto valorizamos essas expressões e as incorporamos como elementos positivos, como posturas que fortalecem os argumentos apresentados, algo como um valor em si a partir da relação da escrita com a *arte da guerra* – ou da *guerra como arte*.

forma que antes somente poderíamos fazer recorrendo à história e à escrita dos eventos que poderiam – como ocorre na maioria das vezes – simplesmente legitimar a guerra e os seus “restos” mortais como parte da ordem natural do devir histórico. Com essa visão dos cadáveres, o ensaio avança em sua proposta deixando esse rastro de percepção aos leitores que, ao contrário de comprometer a leitura, ajuda a estabelecer uma discussão produtiva com os eventos, os registros da guerra e os argumentos que ecoam desde e até os campos de batalha.

Álvaro Kaempfer assina o capítulo “*El crimen de la guerra*, de J. B. Alberdi: ‘Sólo em defensa de la vida se puede quitar la vida’”. A obra analisada, de Juan Bautista Alberdi, atrela o poder – o desejo pelo poder mais precisamente – como combustível para a guerra, tida como intrínseca à natureza humana. A diversidade de opiniões, os pontos de vista em desacordo, enfim, o que nos torna humanos em uma acepção vinculada à consciência desse estar no mundo, seria o antagonismo que alimenta a guerra e a própria condição humana em sua essência. A necessária mudança de postura para esvaziar esse poder oriundo da guerra é o objetivo principal presente em *El crimen de la guerra*. Kaempfer destaca as riquezas e as contradições presentes na obra, especialmente quando se insere uma percepção do cenário político da época, no qual o argumento central – por mais válido que seja: o de que a guerra em si é um crime – pode ser apropriado como um discurso de apologia a outras condutas, visto que a moral cristã é um dos exemplos presentes e que poderiam dar margem para conflitos e enfrentamentos, legitimando-os em nome da paz e da justiça. A leitura dessas ideias e ideais oportuniza um olhar para a distância entre o discurso (situado em determinadas condições socioeconômicas) e a recepção deste como antítese de si mesmo.

“Paisaje de guerra”, de Martín Kohan, apresenta uma reflexão inicial que expõe o caráter utilitário (para não dizer cínico) do olhar sobre o índio no século XIX. Definí-lo como animal, como bruto em sua natureza, implicaria na ausência de culpa por sua morte, pois seria como caçar a outros animais. A validação da campanha militar, no entanto, exige um inimigo à altura e, nesse caso, o índio precisaria ser humanizado. A idiosincrasia presente nesses argumentos nos coloca em um confronto com a própria história argentina e latino-americana, pois a desumanização proposta pela guerra é o único elemento no qual o índio poderia ser visto como humano. *La guerra al malón* (1907) e *Conquista de la Pampa* (1935, póstumo), de Manuel Prado, são narrativas abordadas por Kohan para desenvolver uma percepção de cenários de guerra diferentes e as tentativas de aproximá-los a outras versões da história como guerra. A guerra do deserto – campanha contra os índios na Argentina –, operação militar desenvolvida até a Patagônia, é tema para discutir a concepção da guerra. Os valores da luta e das batalhas em contraste com a ausência do conflito em si como legitimador do ato heroico são analisados em contraste com o ideal do século XIX. As contradições presentes nas narrativas do genocídio (aqui se inserindo o olhar do século XXI) se diluem em outras narrativas militares, como *Una excursión a los indios ranqueles* (1870), de Lucio Mansilla na qual a fronteira entre o civilizado e o bárbaro não é tão absoluta, apresentando fissuras nas quais os índios não poderiam mais ser vistos como animais; para o seu azar, pois os verdadeiros animais, os cavalos, seriam incorporados à propriedade do Estado - pela sua

utilidade como transporte e como arma - e o extermínio dos índios se tornaria sinônimo da demarcação da terra, definindo uma paisagem construída pela guerra.

Consuelo Figueroa discute a celebração da guerra em “De rastros y extravíos: guerras en exhibición en Chile, 1880’s–1930’s”, capítulo que se preocupa em problematizar o civismo calcado na exaltação dos feitos bélicos como narrativa histórica permanente do ideal nacionalista. Seu argumento parte da premissa de que o conceito de nação moderna está vinculado à guerra como uma espécie de legitimação de sua existência. O combate, o enfrentamento e a vitória fundamentam o surgimento dessa nação e a comemoração – rememoração – do seu nascimento e do seu batismo (analogia inversa tendo em vista que o termo *batismo de fogo* é utilizado para simbolizar uma passagem significativa, uma conquista e uma superação). Tal postura adentrou o campo da reflexão cultural e sustentou - assim como na maioria das fronteiras dos países latino-americanos - a onipresença da *fronteira quente*, ou seja, do permanente conflito e do estado de prontidão da nação chilena como um todo e em todos os momentos cotidianos. A questão do patrimônio - quer econômico, quer cultural - é abordado por Figueroa no período da segunda metade do século XIX e início do século XX, época em que as façanhas épicas significaram a própria construção patrimonial, como no caso da Guerra do Pacífico em que os avanços em territórios peruano e boliviano eram exaltados e comemorados através da construção de monumentos. Figueroa também discute as *comunidades imaginadas* (referência ao clássico estudo de Benedict Anderson) e *criadas* sob o jugo do imaginário da guerra e da perspectiva, difundida nos museus e monumentos, de uma temporalidade fixa que pactua com a certeza da origem, nos quais os vestígios do passado deveriam ser vistos também como ruínas e não como permanência.

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. Muitos conhecem essa frase do romance *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Poucos, todavia, são capazes de dizer com relação a quem o sertanejo é comparado. Euclides da Cunha compara a força advinda da própria terra do sertanejo com a imagem de um dos heróis guerreiros exaltados nas batalhas do século XIX: o gaúcho e sua figura retratada como exaltação da guerra. Esse processo indica não apenas a valorização daquele tipo humano, mas também aponta a guerra em sua vertente menos bela - o belicismo apenas como martírio, como dor e morte. Javier Uriarte desenvolve um estudo sobre a obra de Euclides da Cunha no capítulo “Emergencias de lo invisible: ruina y lenguaje en *Os sertões*”, situando a perspectiva ensaística do romance-reportagem em uma impossibilidade de narrar a tragédia, visto que não há nenhuma descoberta positiva a não ser a da própria ignorância, da inutilidade do saber acadêmico e da limitação do progresso científico para solução do conflito testemunhado na *Campanha de Canudos* (1896-1897). Para desenvolver um diálogo possível com esse narrar limitado pelo conflito em sua vertente mais bruta, Uriarte se preocupa com o invisível, com aquilo que permanece em um horizonte distanciado do narrador, dificultando sua explicação, apenas tateando e cambaleando em meio às ruínas e ao sofrimento.

“A forma literária e o diagrama da *Gewalt*: exceção e excesso da guerra nos limiares modernos da cultura brasileira”, de Roberto Vecchi, é o primeiro texto redigido em português do livro, situando o Brasil, assim como o capítulo anterior que tematizou a obra *Os Sertões*,

no contexto dos demais países latino-americanos. Pode parecer uma observação óbvia, mas ainda reside a dificuldade de parte significativa dos brasileiros em se reconhecerem como latinoamericanos. Antonio Candido já se preocupou com essa questão no ensaio de 1989 – “Os brasileiros e a nossa América” – ao apresentar o nosso distanciamento em relação aos países vizinhos. Distanciamento este que também relegou a uma menor aceitação da opressão e do advento do pensamento conservador nos espaços de poder ao longo da formação histórica e política brasileira. Candido cita a obra *A América Latina*, de Manoel Bonfim, e aponta que uma “das coisas boas de seu livro é a firme consciência continental. Ele fala não só como brasileiro, mas como latinoamericano, animado por uma solidariedade fraterna e procurando exprimir a posição do subcontinente espoliado e atrasado.” (2004, p. 154). A discussão de Roberto Vecchi vai além dessa preocupação inicial, visto que aprofunda e relaciona a questão da violência e da guerra como elementos constitutivos da própria identidade brasileira, repelindo a visão *cordial* e *paífica* de nossas condutas. Buscando aproximações com autores como Walter Benjamin, Jacques Derrida e Giorgio Agamben, Vecchi articula a questão da moralidade dos fins e dos meios, confrontando o direito moral e o direito positivo presentes no ensaio de Benjamin de 1921 (“Para uma crítica da violência”) em sua relação com o que legitima o emprego da violência e da própria guerra. O panorama que Vecchi elabora a partir do cenário histórico brasileiro traz à tona possibilidades de pensar de forma mais crítica e menos ingênua, situando o Brasil como uma nação na qual o estado de exceção é, na verdade, a permanência do estado de guerra. Para tanto, o estudo se desenvolve na discussão dos eventos históricos e na análise de obras literárias como *Os Sertões*, de Euclides da Cunha e *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto.

Juan Pablo Dabove aborda o contexto da Revolução Mexicana a partir dos espaços sem donos em que as batalhas culturais foram estabelecidas. O capítulo intitulado “Cuerpos para la horca: bandidaje, guerra y representación en *¡Vámonos con Pancho Villa!*”, apresenta o povo como um objeto a ser usufruído pelo Estado e pelos caudilhos. Essa tensa relação da vontade popular e dos levantes para construir, destruir e desconstruir a nação são estudados em seu caráter paradoxal no contexto em que a violência da guerra se estabelece e fortalece determinados aspectos, enquanto enfraquece outros que julgava defender a princípio. A renúncia de Porfírio Díaz, em 1911, da presidência mexicana é explorada por Dabove para refletir sobre esse conturbado processo político. Mas é a partir da análise da obra de Rafael Muñoz – *¡Vámonos con Pancho Villa!* –, de 1931, que o pesquisador pretende argumentar em prol de que existe outra perspectiva capaz de observar a disputa que ocorre dentro do sentido da violência revolucionária. A questão do mito revolucionário e das imagens que decorrem dos conflitos são exploradas para um melhor entendimento sobre um momento em que há uma intenção de criar uma narrativa totalizante sobre os eventos compreendidos entre 1910 e 1920.

Em “La rebelión de los animales: cultura y biopolítica”, Gabriel Giorgi analisa o texto de João Guimarães Rosa, *Meu tio o iauaretê*, escrito em 1950 e publicado em 1961, com o intuito de discutir o lugar político do animal na imaginação sul-americana. A reflexão toma a perspectiva da aliança entre homem e animal contra a ordem estabelecida no contexto da

modernidade – uma espécie de desacordo com as limitações e imposições que o progresso descortina. Essa fórmula presente na narrativa de J. G. Rosa sustenta o processo de animalização: o homem se transformando em onça, adquirindo suas características como uma metáfora dessa não aceitação da forma única imposta pelo Estado-Nação aos corpos e aos territórios. Essa rebelião também ocorre no campo linguístico – na diluição da língua do colonizador português com a do colonizado tupi-guarani, em prol de sínteses que somente fariam sentido na narração desse homem-onça. Giorgi comenta, inserindo a discussão a partir dos estudos da biopolítica fundamentado em Giorgio Agamben, que a rebeldia presente nessa transformação não é apenas uma rejeição, mas também uma problematização política e estética que propõe uma necessária nova aliança entre homens e animais, uma variação a partir das mudanças nas regras do jogo propostas pela modernização, pela expansão do capital, do disciplinamento e exploração dos corpos e da descoberta de novas potencialidades dos seres.

“La potencia bélica del clima: representaciones de la Amazonía en la Guerra con Perú (1932-1934)” é a discussão proposta por Felipe Martínez-Pinzón da percepção do conjunto das Forças Armadas Colombianas – Exército, Marinha e Aeronáutica – sobre o cenário de guerra e da luta contra a força da natureza representada pela floresta tropical. Essa força da natureza contrasta com a fragilidade do território em contexto de guerra, em seu processo de desnaturalização das fronteiras e divisões regionais, impelindo-nos ao questionamento dos pressupostos ideológicos que legitimam a geopolítica nacional. Oscilando entre os diversos imaginários da floresta – da estagnação, da supremacia do clima, da terra estéril para o plantio de alimento, das enfermidades tropicais – e a velocidade da guerra que tira do sedentarismo (quase sinônimo de morte lenta) os soldados (*cadáveres ambulantes*) envolvidos no conflito, a leitura de Martínez-Pinzón discute que a guerra pela vida se traduz como uma guerra contra a selva antes de qualquer coisa. Essa luta é percebida também pelos pilotos que prefeririam, em caso de serem abatidos, caírem sem vida na floresta do que ter que sobreviver naquele *inferno verde*. Esses relatos, impressões, apontamentos e informações sobre o conflito oportunizam outros elementos para pensar o próprio conceito de guerra e seu emprego para definir situações extremas frente à potência bélica quase absoluta do clima.

Os períodos pós-revolucionários normalmente são vistos pela historiografia como rescaldos dos conflitos e não como uma outra lógica que envolve a noção de guerra. “*La Lucha Contra Bandidos en El Escambray*: guerra, mitificación, y alterización en la Cuba postrevolucionaria”, de Wladimir Márquez-Jiménez, aborda a luta que permanece após o término do evento principal da guerra revolucionária e que procura se situar – e se justificar – em outro paradigma. A operação de *limpeza* ocorrida após a revolução cubana se estendeu de 1960 a 1965 na serra de Escambray e recebeu a denominação de *Luta contra bandidos*, exatamente para situar o novo contexto bélico – agora caracterizado como uma luta do bem (do estado de direito) contra o mal (os *bandidos* – não vistos mais como insurgentes ou contrários ao regime). Para abordar essa questão, Márquez-Jiménez centra sua análise nas obras *Bandidismo en el Escambray (1960-1965)* (1986), de Julio Crespo Francisco, vinculada à Revolução Cubana, e *Escambray: la historia que El totalitarismo trató de sepultar* (2008), de Idolidia Darias, como visão dissidente ao discurso revolucionário.

Julieta Vitullo cita a célebre frase de Karl von Clausewitz – *A guerra é a mera continuação da política por outros meios* – para relacionar com a discussão de Michel Foucault que a repressão exercida pelo e em nome do poder deveria ser entendida como guerra. Esse conflito bélico é que está presente no cotidiano das práticas sociais e culturais - em uma inversão da máxima de Clausewitz. “La guerra contenida: Malvinas en la ficción argentina más reciente”, discute a dinâmica do espaço bélico ocupado pela política, pelo discurso belicista de apologia à nação que levou a Argentina a ocupar ilhas do Atlântico Sul que estavam sob o domínio da coroa britânica desde 1833. O discurso militarista proferido acabou por fundar a própria política argentina do período, atualizando feitos militares históricos para definirem a necessidade de um novo ato grandioso para estabelecer a geopolítica de acordo com a lógica da guerra. Com isso, as Malvinas acabaram por se constituir em uma causa com enorme densidade política decorrente do caráter territorialista profundamente enraizado na sociedade, que possui a capacidade de convergir várias vertentes ideológicas. Vitullo descortina essa situação com base na análise e interpretação de produções de diversos gêneros – sobretudo com o romance *Ciencias morales* (2007), de Martín Kohan – que buscaram, após a derrota militar, repor o vazio da perda e estabelecer o relato épico da heroicidade, da bravura e da conquista - ainda que a nação não tenha logrado o devido êxito, a ficção poderia contrapor e manter o imaginário positivo perante a história.

“*Latin American Psycho: Fernando Vallejo y el grito de guerra animal*”, de Fermín A. Rodríguez apresenta imagens que confrontam o leitor com uma situação de desigualdade absoluta e absurda. A instalação do artista plástico Camilo Restrepo Zapata denominada *Bloque de Búsqueda* (Bloco de Busca), montada pela primeira vez em Medellín, Colômbia, no ano de 2010, é o mote para que o argumento crítico possa se estabelecer. A referência da instalação é a morte do hipopótamo Pepe que causou grande comoção na Colômbia e que Rodríguez associa com a imaginação do presente da América Latina, explorando a carga simbólica que as imagens e o caráter exótico do enorme animal trazido ilegalmente da África pelo traficante Pablo Escobar oportunizam para refletir sobre uma identidade estética e política brutal e explosiva. Essa situação expõe, segundo o autor, aspectos de uma sociedade precarizada e desumanizada que busca manter, mediante o emprego da violência militar e policial, uma suposta ordem normativa que regula quais vidas podem ser mantidas ou tiradas. Rodríguez desenvolve, ainda, um estudo sobre trabalhos de Fernando Vallejo, com destaque para a obra *La Virgen de los sicarios* (1994), em que apresenta uma crítica à consciência liberal que não possui limites para o estabelecimento e manutenção de sua ordem burguesa.

O segundo capítulo redigido em português e último a integrar o livro, “A imitação da guerra”, de João Camillo Penna, analisa algumas imagens da guerra que se tornaram recorrentes no noticiário quando da ocupação das favelas do Rio de Janeiro. Iniciando sua abordagem a partir do dia 25 de novembro de 2010 – data da ocupação da Vila Cruzeiro, quartel-general do Comando Vermelho – facção criminosa ligada ao tráfico de drogas –, Penna traz vários termos do meio militar incorporados sem outro critério que não o sensacionalismo e a inserção da notícia no cenário da guerra urbana. A guerra de ocupação (ou a *Operação de Polícia Pacificadora*) se estendeu para outras áreas – como a do Morro

do Alemão. Em contraste com o desejo da população – levado pelo discurso do ódio e fundamentado no medo da violência –, Penna destaca a postura do cientista político Luiz Eduardo Soares de que não deveriam as favelas ser ocupadas, mas sim a própria polícia, visto que era ali que estava a raiz do problema da segurança pública. Todos os jargões empregados para a cobertura das ações se vinculavam diretamente à guerra (*Dia D da Guerra contra as drogas*, por exemplo) e a facilidade com que a polícia ocupou as favelas levou a imprensa a mencionar o território antes inexpugnável como *Fortaleza de papel*, uma coincidência com o termo presente em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, da resistência de Canudos como *Troia de taipa*. Penna analisa, após essa problematização inicial, o que considera três obras centrais da literatura brasileira do século XX que giram em torno da guerra fratricida: *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha; *Grande Sertão: Veredas* (1956) de João Guimarães Rosa; e *Cidade de Deus* (1997) de Paulo Lins. Estas obras estabelecem, assim, uma espécie de diagnóstico social sobre a guerra, evidenciando o fragoroso fracasso da justiça pública e do Estado em sua função social.

Os capítulos que compõem *Entre el humo y la niebla – Guerra y cultura en America Latina* se apresentam como importante reflexão e relevante leitura para pesquisadores brasileiros que procuram refletir sobre a formação histórico-cultural latino-americana. Com linguagem clara e sem perder de vista o rigor científico, a obra oportuniza necessários pontos de inserção crítica a partir da quebra de alguns paradigmas e da revisão de alguns conceitos fundamentais para a compreensão do cenário histórico e do contexto atual da América Latina.

Entre el humo y la niebla – **Guerra y cultura en América Latina**

Felipe Martínez-Pinzón; Javier Uriarte, eds. — ISBN: 1-930744-72-2

© Serie *Nueva América*, 2016

Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana

Universidad de Pittsburgh — 1312 Cathedral of Learning — Pittsburgh, PA 15260

(412) 624-5246 • (412) 624-0829 fax — iili@pitt.edu • www.iilionline.org

Composición, diseño gráfico y tapa: Erika Arredondo

Correctores: Tatiana Argüello y Leonardo Solano

Ilustración de la tapa: *Muerte del Coronel Palleja*. Javier López (Bate & Cia).

Albúmina, 1866. Archivo Iconográfico, Biblioteca Nacional de Uruguay.

OURIQUE, J. L. P. Literature between the Smoke and the Fog. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 8, n. 1, p. 120–129, 2016.